

### 3.2.1.1 Retirando Ensinaamentos e Explicações Através da Vivência de Curió

O surgimento de uma escola no âmbito de determinados núcleos de tradição cultural afro-brasileiros, precisa ser entendido como propósitos de compromisso por heranças ancestrais, familiares, históricas, crenças, costumes; no caso do Mestre Curió, ele explica, “[...] é também uma história, uma história de família”, reconhece o que conseguiu através desta, “[...] a capoeira foi uma porta aberta para minha vida!”.

Se os africanos responsáveis pelo desenvolvimento e utilização da mesma, buscavam um novo destino na vida, utilizando-a para conquista de sua liberdade, onde uns conseguiram, outros não, esse propósito até hoje é perseguido por muitos de seus adeptos. Posterior a esse processo, um costume, o exercício de um jogo de desafio de fina habilidade, um lazer, uma diversão, chegando noutra época, u, na forma de trabalho, profissão, realização.

Os avanços e descobertas de seus benefícios continuam se atualizando, há quem busque cura de debilidades psicomotoras ou espirituais, seja através do potencial terapêutico para desbloqueios, traumas, timidez, medo ou quem a busca por curiosidade, por achá-la fascinante, divertida, enfim, são portas que a capoeira abre.

O trabalho de mestres de capoeira através de suas escolas, academias e projetos socioculturais em nossa realidade, vem recuperando e abrindo caminhos para crianças, adolescentes e jovens em situação de risco social, enumerá-los aqui seria uma injustiça dada à significativa quantidade dos que realizam esse trabalho, digo que estes, de fato, têm realizado uma política social em Salvador com responsabilidade.

O rigor presente nas pessoas que são predestinadas a exercer liderança em terreiros de candomblé, afoxés, capoeira, samba tradicional, entre outros, onde o cuidado criterioso com a manutenção dos ensinamentos de suas tradições é compreendido quando se conhece que são saberes de fundamentos complexos, de procedimentos muitas vezes, perigosos, pois, quando não são realizados com total responsabilidade e segurança, pode por em risco a pessoa ou as que integram esse conjunto.

É evidente que a própria dinâmica do fazer sociocultural se encarrega de atualizar procedimentos, devido à mudança da sociedade, porém não permite que o ritmo acelerado desta altere, descaracterize, rompa eixos de ligação para a continuidade e força necessárias desses núcleos tradicionais.

É um elemento da ética e fundamento primordial dessa linguagem, e capoeiristas mais velhos devem continuar ensinando aos mais jovens, prevenindo quanto à utilização da capoeira angola como defesa pessoal, evitando de todas as maneiras uma agressão, devendo acontecer somente e em última circunstância, quando sua integridade estiver em risco.

Dessa forma, o jogo nas rodas integrativas tem por objetivo a aplicação do aprendizado junto ao adversário, visto na técnica, plasticidade, no diálogo corporal, na atenção total a cada olhar, gesto, movimento e, principalmente, na manutenção da ludicidade, porque é isso que caracteriza jogo, “[...] é daí que tenho essa metodologia, não espancar ninguém jogando capoeira e nem ensinando, porque quando você espanca, você quer ser espancado!”

Um dos privilégios dignos de nota nesta cidade é quando, por alguma ocasião comemorativa, reúnem-se mestres angoleiros para exibição em roda, que é inesquecível, aplaudida calorosamente pelos que assistem dada a elegância, a ética no jogo, a malandragem na aplicação precisa e inteligente da técnica, a graciosidade, a brincadeira, a teatralidade e a veracidade da filosofia e princípios fundamentais que esta linguagem preserva; lamentavelmente, pouco conhecida pelos milhares de praticantes de capoeira que vêm se formando entre os estilos existentes e os modernos.

Vê, por exemplo, o jogo entre Mestre Baixinho e Mestre Jogo de Dentro, seria uma grande desvantagem, porque o primeiro é de baixa estatura, e o segundo, alto e forte; porém, eles transformam isso num diálogo empolgante, divertido, disputado, onde essa suposta desvantagem passa a não existir, como diz Curió, “em capoeira não se mede um homem pelo tamanho!”.

Mestre Augusto Januário (Demolidor), com o contramestre Joselias Santos (Boi Manso), ambos, altos e fortes, elegantes na postura corporal, apresentam-se tão belos quanto bailarinos, ou melhor, considero-os assim. No jogo entre eles, encontram-se dança e coreografia explícitas da capoeira angola, como também a precisão quando subitamente, aplicam com muita técnica, seus golpes,

suas rasteiras, onde o expectador só percebe quando vê o adversário completamente no chão.

Mestre Lua de Bobó (Edvaldo Borges da Cruz) e Mestre Pelé do Tonel (Samuel Sousa); seus movimentos alongados, flexíveis, contínuos lembram dois gatos em confronto, traiçoeiros, ágeis, felinos. Mestre Curió e Mestre Pelé da Bomba, também chamado de Gogó de Ouro, estes já chegam com largo sorriso um para o outro e cumprimentam-se na “falsidade”, pois de saída já uma “cutucada”, a técnica de dissimulação é a “encenação teatral”, ora estão mancando de uma perna, ou com dores na ccluna e pedem paciência ao outro, ora desviam a atenção para algum expectador que logo, é posto no centro da roda interagindo e passando a somar dois contra um, rapidamente, o outro corre para esconder-se entre os que ali se encontram e nesse jogo, vão soltando suas rasteiras, cabeçadas, tesouras, chapas, relógio, aú e que ninguém se engane com a eficiência e potência dos golpes, caso alguém queira testar a capoeira dos “velhinhos”.



Figura 36. Samba Duro. Mestre Curió e Mestra Jararaca ao centro e Mestre Virgílio ao lado batendo palmas e cantando. Arquivo: Ricardo Biriba

Com isso, as horas passam sem que se perceba uma roda de angola, pois o destaque e riqueza vão desde o jogo entre as crianças, entre elas e mestres, elas e capoeiristas de outros estilos, mestres com mestres, diversas combinações acontecem. Esta galeria compõe-se também por Mestre Virgílio, Mestre Boca Rica, Mestre Morães, Mestre João Pequeno, que apesar de mais de 80 anos de idade, dá seu *show* de capoeira, samba duro e de barravento, segue-se Mestra Jararaca, Mestre Gafanhoto, Mestre Zé Pretinho (José Valdo Rodrigues da Silva), Mestre Brandão e alguns garotos e garotas que já apontam futuros mestres na arte, Rogério (Saci), Alberto (Garinhcha), Zé Carlos (Papa Capim), Luis Carlos (Besourinho), entre outros nomes.

Quando o Mestre Curió ressalta sua preocupação com o ensino criterioso e a manutenção de valores desta forma de fazer, dizendo, "você não vê mais a capoeira do passado nas pessoas, porque é mais difícil, é mais hierarquia, respeito; eles, hoje, não querem ter respeito e eu quero respeito com o passado, com meu povo e com Mestre Pastinha", é porque, com o surgimento de novos estilos de capoeira, houve por estas, uma negação à história do negro no Brasil, um recalçamento da afirmação da capoeira como forma de resistência, luta e busca de liberdade e sua manutenção como prática e filosofia de vida, debaixo de repressão, discriminação e dura perseguição e essa história, princípio moral e de direito, não pode ser apagada pelas capoeiras surgidas com a modernização.

Estas vêm reproduzindo a lógica mercadológica, o *marketing*, o uso e abuso sem medir as conseqüências, motivo da reclamação e revolta de uma geração de angoleiros na Bahia, nas palavras de Curió, "quando você muda o ensinamento do passado para esse ensinamento do presente, você deixa de ser uma pessoa preocupada com sua história, do seu povo, para preocupar-se com a história do povo do sistema capitalista".

Com isso, independente do estilo de capoeira que se pratique, a transmissão da sua história e origem deve ser conhecida e ensinada a qualquer praticante e em qualquer lugar do mundo.

Existem muitas críticas vindas de pessoas que não conseguem entender profundamente essas questões, pois, necessitaria estar lado-a-lado para ouvir, ver e constatar os problemas enfrentados pelos mestres mais velhos frente às demandas que surgem no universo da capoeira. É fácil criticar e denunciar posturas autoritárias encontradas nos mestres, ou, métodos de treinamento de repetição, porém, não se

critica o sistema oficial de ensino que avança, atualiza, cria e recria metodologias "libertadoras", novas leis da educação, só que não as levam até esses espaços de formação; e pior ainda, é desconhecida por grande parte de professores de escolas da rede formal.

Porém, a formação dada nesses espaços de capoeira, mesmo "desatualizada pedagogicamente", tem proporcionado educação e perspectivas de ascensão aos que ali são formados.

Mudanças importantes vêm acontecendo no meio da Capoeira Angola, não através de políticas públicas na educação para colaborar, fortalecer núcleos de educação desta natureza, mas de militantes, pesquisadores, pessoas sensíveis que estão juntos a essa realidade e vêm melhorando alguns aspectos; e isso Curió explicita: "eu não sei ler, nem escrever, minha formação é a da vida, então, vejo que é fazer isso que você está fazendo, uma troca de conhecimentos, você mostra o que sabe e eu mostro o que sei e juntos, fazemos esta cartilha".

Parte dessa "cartilha" é esta tese construída na soma de conhecimentos compartilhados entre mestres da cultura e mestres da universidade.

Diante do que está dito, compreendendo os ensinamentos transmitidos por Mestre Curió, arrisco resumir o que concebo como ser angoleiro.

Ser angoleiro é compreender-se natureza, é respeitar o mato que tudo lhe dá, é estar consciente da sua ancestralidade, da história do seu povo, é continuar os primeiros passos de quem ensinou para se seguir e não se perder nos difíceis caminhos, é reconhecer-se um agricultor que com simples ferramentas, semeou e fez brotar na terra, uma planta poderosa, chamada capoeira angola que mostra a realidade como porta aberta para a vida. Ser angoleiro é não se render frente a propostas que desqualifiquem seu saber cultural, é honrar suas promessas, é conceber hierarquia como respeito à sabedoria daquele que mais tempo se dedicou à arte, é ter controle e estratégia em defender-se na provocação ou agressão e atacar quando tiver certeza que desarmou o adversário...

Mestre Curió mantém através de sua escola de capoeira angola, uma forma sistematizada de ensino, com procedimentos que aprendeu com seu Mestre Pastinha e da sua bagagem familiar de tradicionais capoeiristas. Por isso, ao delinear os procedimentos que Pastinha utilizava no seu ensino, encontra-se o que a ECAIG desenvolve.

Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, é aquele que recebeu de tradicionais capoeiristas de uma época, a responsabilidade de organizar a capoeira, para enfrentar as ameaças surgidas e conquistar respeito frente à marginalização. Daí a criação do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA):

[...] em 23 de fevereiro de 1941. No Jingibirra fim da Liberdade, la nasceu este Centro: porque? Foi Vicente Ferreira Pastinha quem deu o nome do "Centro Esportivo de Capoeira Angola". Fundadores: Amosinho, este era o dono do grupo, os que lhe acompanhavam, Aberrêr, Antonio Maré, Daniel Noronha, Onça Preta, Livino Diogo, Olampio, Zeir, Vitor H.U., Alemão filho de Maré, Domingo do Mlhães, Beraldo Izaque dos Santos, Pinião, José Chibata, Ricardo B. dos Santos<sup>29</sup>

Esse grupo depositava confiança em Pastinha, que possuía qualidades para atender ao desafio, e na minha percepção, ele foi responsável por:

1. *Criar nova metodologia de ensino da denominada Capoeira Angola;*
2. *Criar nova estética na imagem visual, na forma da vestimenta, organização da própria roda e da bateria;*
3. *Ressaltar a filosofia da capoeira através do seu discurso, da sua prática de ensino e de seus manuscritos;*
4. *Ampliar os canais de divulgação através de apresentações, produção de evento comemorativo, viagem internacional, apoio de amigos influentes da cultura e política baiana;*
5. *Iniciar o processo de registro iconográfico e escrito da mesma, através de desenhos, pinturas e publicação do livro Capoeira Angola, na década de 60.*

---

<sup>29</sup> Dados do *Caderno-Albo* de Mestre Pastinha por FILHO (1997, p. 9)



Figura 37. Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha, é a referência maior da tradição da Capoeira Angola, traduziu e deixou o legado da filosofia e prática desta arte. Arquivo: ECAIG

Tais iniciativas para melhoria da imagem da capoeira tradicional na Bahia, assim como sua militância, é suficiente para justificar seu nome na história e memória da capoeira no Brasil. Digo que, esta luta já vinha por capoeiristas de épocas anteriores que resistiram na conservação deste costume, prática e defesa.

Diferente dessa estratégia, mas, também, com o intuito de obter aceitação social, Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, idealizou a “Luta Regional Baiana”, depois denominada de “Capoeira Regional”, redefinindo filosofia e prática para outros valores que, afirmo, sofreram influência da ideologia nacional da política de embranquecimento e mestiçagem, ao “sincretizar<sup>30</sup> a capoeira, em que permaneceram elementos da tradicional juntos a outros códigos estranhos a essa cultura, como os científicos, o da aptidão física, o do esporte, para uma penetração na camada social mais elevada.

---

<sup>30</sup> Talvez caiba utilizar esta palavra que expressa, “fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento continuando perceptíveis alguns sinais originários”, segundo definição do dicionário Aurélio.

Mestre Pastinha, quando fundou o CECA na década de 40, recriou uma metodologia de ensino, criou estratégias de funcionamento da escola, contudo, sem perder de vista princípios fundamentais da cultura da capoeira tradicional.

As aulas aconteciam todos os dias da semana, inclusive aos domingos. No processo de ensino, os alunos recebiam informações sobre a disciplina, os procedimentos éticos, as regras do jogo, a postura de um mestre de capoeira. Junto a isso, o aprendizado técnico, exercícios de aquecimento, movimentos, seqüências, a bateria, onde se aprendia a tocar e cantar capoeira. Uma vez por semana acontecia a roda aberta ao público, momento de aplicar os conhecimentos que se adquiria.

A postura pedagógica seguia o rigor da educação da época; respeito aos mais velhos, o professor era a autoridade máxima, aluno não discordava do que este colocava. Então, pode-se dizer que era uma relação autoritária e rigorosa, o aluno estava sujeito a punições.

O fardamento ficou instituído para aulas e treinos, calça comprida na cor preta, camisa amarela com bordado feito à mão, com um desenho de dois capoeiristas jogando, calçado fechado. Em apresentações públicas de maior destaque, seus alunos vestiam o paletó completo na cor amarela e preta, pois, era a cor do seu time, o *Ipiranga*. O uso do paletó já vinha do costume dos próprios capoeiristas da época que usavam a "domingueira", ou seja, trajavam-se de paletó completo, sapato fechado, chapéu, para ir jogar capoeira aos domingos, festas e feriados, um cuidado com a aparência ao apresentar-se elegantemente para o público.

Acredito que esses cuidados com o fardamento e as categorias criadas para a graduação dos alunos, foram inspirados da sua convivência com o futebol e adaptado para o contexto de seu núcleo de capoeira.

Foi um divulgador da angola, na medida em que formava habilidosos capoeiristas que se consagravam através das rodas assistidas pela comunidade simpatizante, autoridades, embaixadas, turistas, o povo de candomblé. Dentre seus significativos feitos, levar sua delegação de angoleiros para o **Festival de Arte Negra em Dakar**, África, em maio de 1966, época em que o presidente do Senegal era Léopold Sedar Senghor. Assim deu-se, a primeira vez que a capoeira foi exibida em território estrangeiro, voltando-se para a matriz que lhe deu origem.

Seguiram nesta viagem, Mestre Pastinha, Camafeu de Oxossi, Gato Preto (considerado berimbau de ouro), João Grande, João Pequeno, Gildo Alfinete, Roberto Satanás, onde fizeram apresentação no Teatro Daniel Soriano e também em estádio de futebol, segundo depoimento de Mestre Gildo Alfinete.



Figura 38. Embarque para o Festival de Arte Negra na cidade de Dakar, sendo a Capoeira Angola, pioneira em mostrar esta arte fora do Brasil, levada por Mestre Pastinha e sua delegação de angoleiros. Arquivo: Associação Brasileira de Capoeira Angola

Além desta importante viagem, esse ilustre mestre gravou um *long play* (LP), publicou o livro *Capoeira Angola*, em 1960, além de entrevistas aos jornais de circulação divulgando o trabalho ou chamando a atenção para os problemas enfrentados pela capoeira e seus praticantes e a veiculação de sua imagem em filmes e em fotografias.

Indiscutivelmente, Pastinha transmitiu a filosofia da capoeira em que se tornou responsável por cuidar. Traduzia princípios da capoeira angola onde a "malícia", capacidade de manter-se atento, ser discreto, habilidoso, paciente, cauteloso, ágil, aprender a recuar no momento certo e avançar quando fosse preciso, entender a capoeira como negativa e positiva, "negar é fazer que vai e não vai e positiva, quando o golpe entra na hora certa", no dizer de Pastinha.

O "mistério" da transmissão da sua história, das artimanhas de seus praticantes, coragem, inteligência está dito em paródias, cantos, rimas, versos, como estratégia de manutenção e proteção das informações que agem como um código,

Tim, tim, tim Aluandê  
 Aluandê cabôco é mungunjê  
 Tim, tim, tim Aluandê  
 Aluanda, Aluanda, Aluanda  
 Tim, tim, tim Aluandê  
 Aluanda hoje é ferro de batê  
 Tim, tim, tim Aluandê  
 Eu cheguei lá em casa  
 Não vi vosmicê  
 (REGO, 1969, p. 93)

Seu aprendizado nunca se encerra, acontece durante a vida toda, e mestre se constrói numa estrada de certezas e incertezas, de verdades e de falsidades; assim, é a trajetória, ela dá, mas também retira; vai depender do seu trato com ela,

Menino quem foi teu mestre  
 Meu Mestre foi Salomão  
 Fui discípulo que aprendi  
 Em teu mestre eu dou lição.  
 Que a capoeira tem muito enredo  
 Pulo contigo e lhe ensino  
 O que teu mestre não aprendeu  
 (FILHO, manuscritos e desenhos de Pastinha – 053b)

É devido a esses elementos presentes na capoeira que sua prática pode acontecer juntamente a outros processos didático-pedagógicos, principalmente nas escolas baianas e brasileiras, possibilitando uma metodologia rica em códigos, símbolos, significados, criatividade e próxima de seus autores sociais.

### 3.2.1.2 Metodologia de Ensino da ECAIG

#### I - A Escola

A sede atual da ECAIG é no sobrado nº 9, à Rua Gregório de Matos, segundo andar, Pelourinho, numa sala dividida em pequeno escritório de atendimento ao público, que também é loja de artigos de capoeira; no centro é o

espaço de aulas, onde se vê nas paredes, fotos, lembranças de viagens, de cursos ministrados, dos encontros entre mestres, e ainda um banheiro e cozinha. Num determinado cantinho, fica o altar consagrado aos orixás, crença do Mestre Curió, para sua proteção e da sua escola. Quando desperta curiosidade de alguém, que chega a perguntar "o que é aquilo Mestre?" Este responde, "é Capoeira Angola meu filho!".

Qualquer pessoa que busque a ECAIG para iniciar-se passa por uma conversa com o Mestre Curió; ele é quem autoriza fazer a matrícula de um aluno, exceto se estiver em viagem, aí a responsabilidade é do seu substituto.

O procedimento é para saber os motivos pelos quais a pessoa está buscando este aprendizado, a opção por esta escola, as experiências que traz. Após as constatações, ele explica o funcionamento da instituição e diz que, além de praticante, a pessoa deve inteirar-se nas atividades que a escola desenvolve e produz. É feito sempre o convite para antes de matricular-se, observar uma aula, sua postura, o ritmo, para então, decidir, se é lá que pretende ficar.

Após o ingresso, na primeira aula, dá-se a conhecer sobre o regimento interno que é lido na presença dos demais alunos para a pessoa iniciante que assina, caso concorde com as normas.

A aula começa com todos em círculo, é feita a chamada; em seguida, o mestre, ao centro, faz uma série de perguntas dentro da ética, história, filosofia e conceitos, onde os alunos respondem, é sempre na mesma seqüência.

Pode acontecer que um dia ele peça para um aluno assumir o lugar de quem pergunta, é uma forma de verificar se estão atentos, tanto para o que é perguntado, quanto respondido; ele diz que aí estão os princípios fundamentais que todo angoleiro precisa saber, coisa que hoje, poucos mestres têm passado a seus alunos. Uma ressalva, cada um guarde para si e utilize em tudo o que fizer na vida, pois deve ser conhecido pelos que optaram por essa formação e filosofia.

Após isso, benzem-se, saúdam e começam os exercícios, depois, a bateria, encerando a aula, com o hino da escola, saudação e cumprimento ao ministrante.

As aulas regulares acontecem nas segundas, quartas e sextas-feiras, sendo que este dia é a roda de capoeira. Terças e quintas são destinadas a projetos especiais ou aulas a pessoas ou grupos temporários. Participam das aulas regulares, tanto alunos de maior tempo e graduação, como os iniciantes. Qualquer

pessoa que tenha condições de participar é aceito no grupo, sem distinção e discriminação de sexo, religião, etnia, profissão, classe social, escolarizados ou não. O que se ensina ao que chega é igual a quem chegou ao último grau; todavia, cada um acompanha dentro daquilo que é possível, a compreensão e execução é com o tempo e a prática, a observação é também uma técnica fundamental no processo.

As seqüências de exercícios e golpes são repetidos uma única vez, para que o aluno fique atento. Caso não consiga apreender um movimento numa aula, pode acontecer na próxima, então, não é um processo de treinamento de exercícios e golpes de repetições exaustivas.

Com isso, afirmo que o aprendizado é constituído de ensinamentos que vão de rezas, cumprimentos, respeito à hierarquia de idade e conhecimento, respeito à participação e limite de cada um, porque, alunos de diferentes níveis participam da mesma aula e treinamento que valoriza o tempo, o que cada um traz, o ritmo, a expressividade e a condição corporal.

Nos conteúdos que são transmitidos, aprende-se o sentido do mestre, a história que cada um traz - os mitos, a postura, a orientação, as reprimendas, as punições; a técnica consiste no conhecimento dos fundamentos que são movimentos, musicalidade e jogo.

Aprende-se pelo exercício de acompanhar e repetir, um demonstra e os demais seguem. As seqüências consistem em movimentos simples e complexos. A musicalidade envolve responder cantos fazendo o coro, puxar cantos, tocar todos os instrumentos da bateria e aprender os toques de berimbau, cantar a *lúna*, que é um canto solene, aprender a confeccionar o berimbau, entre outros.

O jogo é o exercício fundamental para aplicar os conhecimentos apreendidos, a malícia, o gingado, a técnica dos golpes, a ética e o olhar ao adversário.

A colaboração para aulas e treinos, rodas e administração da escola é para se buscar melhores condições para que esta funcione e proporcione mudanças na vida dos que, as têm com sinceridade e opção.

## II - As obrigações rituais religiosas

A roda de angola é um ritual. Momento de concentração de todos os integrantes da escola. É uma responsabilidade cumprida toda semana e durante todo o ano, pois é onde se exprime, se aperfeiçoa e mostra essa tradição.

A roda é um desafio, é uma motivação o exercício de jogar com qualquer capoeirista que aparecer; para isso é pedido que não a falte, porque requer uma quantidade mínima de integrantes. Formada a bateria e os dois jogadores ao pé do berimbau, o jogo acontece revezando entre os participantes, para cantos, instrumentos, jogos.

Além deste sublime ritual, antecede a preparação do espaço com obrigações de manutenção de limpeza e higiene do local e àquelas que integram a crença e a religiosidade da capoeira angola. Os preceitos religiosos são realizados pelo mestre e seu assistente mais próximo, antes dos visitantes chegarem, para a proteção da escola e de seus integrantes. Para iniciar a roda, todos os alunos de pé e em círculo são incensados, assim como o público que estiver presente.

No dia a dia, antes de iniciar os treinos, mantêm-se procedimentos de proteção do espaço. Ano a ano, na ocasião do evento festivo cuja data congrega a passagem do aniversário de Mestre Curió, 23 de janeiro, e o da escola, fundada em janeiro de 1982, é feita a oferenda, por obrigação, do caruru a São Cosme e São Damião, preparado por ele e sua família.

O evento é a síntese de todo o processo que se realiza na formação, na organização, nas aulas e nos princípios que se aprende, nesta ocasião, se evidencia o diálogo com outras linguagens, outras instituições que tem por objetivo a preservação da ancestralidade, da cultura, dos valores, da história da capoeira, dos personagens da capoeira, da formação da pessoa, e por isso é uma ação afirmativa importante como valor educativo e cultural da Bahia.

### **3.2.1.3 Os Eventos: Continuidade da Tradição de Pastinha**

Durante o ano, fala-se sobre o "evento" para os novatos; é difícil visualizá-lo antes dele acontecer. A sua preparação é construída no processo educacional, desde a atenção à disciplina, à ética profissional, ao desenvolvimento da técnica para melhoria da condição geral da pessoa, da sua ginga que é a capacidade que cada um tem de soltar sua própria expressão corporal, seu potencial de enganar e distrair o adversário no jogo, até o envolvimento com a administração da instituição, que é uma associação sem fins lucrativos, e os alunos exercem cargos e deliberam através das reuniões e assembléias.

Utilizando o recurso que a etnografia oferece no nível da descrição de um fenômeno, será possível transportar-se para esse universo e proceder com análises dirigidas para as ações educativas promovidas por tal expressão; escolhi, portanto, o XVI Evento da ECAIG, realizado em janeiro de 2005.

No ano de 2005, esta atividade empreendida por Curió, completou 16 anos, e pouco a pouco vem se enriquecendo com alguns elementos. Foram introduzidas apresentações artísticas de teatro e dança popular e afro-brasileira desenvolvidas por seus alunos; em 2001, integrou uma palestra sobre o tema *A mulher na Capoeira*, aspecto que valoriza na formação da escola; ampliou para uma semana a programação, incluindo a oficina de capoeira angola ministrada por ele.

A partir de 2002, nos eventos subseqüentes, a escola incorporou a mesa-redonda na programação, que tem levado ao público participante importantes discussões sobre a contribuição da Capoeira Angola enquanto educação e cultura do povo baiano, conscientizando-o das dificuldades para mantê-la nesta sociedade complexa.

Os primeiros passos para sua organização são reuniões amplas com alunos e diretoria administrativa da ECAIG, onde, além de aluna, exerço a função de secretária executiva, responsável pelas atas, elaboração de ofícios, documentos, projetos, sugestões, contato com palestrantes na ocasião do evento. Também acompanho, quando tenho disponibilidade, Mestre Curió em reuniões junto a outras instituições.

Para tal realização, congregam-se diversas ações, devido à programação que se constitui de oficinas de capoeira, palestra e mesa-redonda, roda, apresentações artísticas voltadas à cultura afro-brasileira, missa em memória ao Mestre Pastinha, solenidade festiva e a oferenda de caruru a São Cosme e São Damião.

Para a escolha do tema de 2005, Mestre Curió queria tornar pública a maneira como foi desativada pelo poder público, a Escola Estadual Mestre Pastinha no Pelourinho e o funcionamento da ECAIG neste espaço, que se deu através de ordem de despejo, segundo ele, uma agressão e falta de respeito às pessoas que produzem uma determinada cultura nesta cidade.

A ação foi justificada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e Secretaria Estadual da Educação (SEC), sob alegação da utilização do prédio para um projeto de recuperação de crianças em situação de risco, o que

até esta data, nenhuma iniciativa foi realizada, exceto suprimir a existência de duas escolas que serviam à comunidade do Pelourinho e adjacências. Atitudes como esta representam um golpe contra o direito público e o patrimônio cultural.

Exposto o motivo, os alunos acataram por unanimidade a oportunidade de discutir tal questão através do evento que, pelo voto, elegeu-se o título que melhor expressaria a problemática.

As idéias vão sendo lançadas pelos desinibidos, e os menos são instigados a socializar seu pensamento; depois de acatadas as sugestões, é votada a idéia síntese e chega-se ao tema, *Até quando o preconceito e a discriminação irão perseguir os velhos angoleiros?*

Para se ter idéia de quem são as pessoas que constituem o grupo e produzem o evento, está *Saci*, Rogério Santos Matos, 17 anos, estudante e vendedor de amendoim, mora em Fazenda Coutos; *Garrincha*, Alberto Pessoa da Silva Júnior, 16 anos, estudante, mora no bairro do Vasco da Gama. Seu avô *Agnaldo* Argolo dos Santos atua com serviços de pintura de ambientes, morador do bairro do Vasco da Gama; *África*, Evani Tavares Lima, 36 anos, atriz, Mestre em Artes Cênicas, mora no centro de Salvador; *Boi Mansc*, Joselias Barreto dos Santos, 43 anos, morador da Massaranduba, na Cidade Baixa, profissão capoeirista. É o aluno mais velho da ECAIG em atividade e um dos contramestres de Curió; *Zangado*, Ricardo Barreto Biriba, 45 anos, Mestre em Artes, professor da Escola de Belas Artes da UFBA, mora no Campo Grande, centro da cidade; *Cabocla*, Amélia Vitória de Souza Conrado, 41 anos, Mestre em Educação, professora da Faculdade de Educação da UFBA, mora no Campo Grande; *Jararaca*, Valdelice Santos de Jesus, 30 anos, moradora do bairro de Santo Antônio, profissão Mestre de Capoeira; *Cláudio* Ferreira da Silva, 28 anos, mora no bairro de Brotas, estudante universitário; *Curió*, Jaime Martins dos Santos, 67 anos, profissão Mestre de Capoeira e ex-chefe de cozinha, morador de Castelo Branco. Ressalto que esses dados do referido grupo correspondem ao ano de referência do evento, 2005.

É pertinente identificar a diversidade dos participantes que estão ligados pela cultura da capoeira, com realidades diferenciadas, porém, neste ambiente, todos são valorizados pelas qualidades que trazem consigo e adquirem neste processo de desenvolvimento.



Figura 39. Da esquerda para direita, encontra-se um aluno, em seguida, Saci, Garrincha e Jararaca. Saci é para mestre Curió e para a ECAIG, um motivo de orgulho, pois sua história pessoal muda, quando ele passa desde pequeno, a integrar a capoeira angola. Antes, participava de projetos da *Fundação de Apoio à Criança e ao Adolescente (FUNDAC)*; era um menino com muitas dificuldades na fala, na expressão, e hoje destaca-se como excelente capoeirista, atingindo o nível profissional; canta, toca e já monitora aulas.

Arquivo: Amélia Conrado

O tema do evento e calendário estão definidos. Assim, inicia-se a busca de patrocínio e solicitação de apoio a diversas entidades, e as respostas negativas são constantes, principalmente dos órgãos públicos responsáveis pela cultura local.

Efetivamente, a ajuda vem de uma instituição que destina pequena importância para os gastos do caruru que é oferecido para os participantes no último dia da programação, e pessoas que passam no local. É feito com três mil quiabos, e todas as iguarias de acompanhamento à moda baiana (feijão fradinho, galinha, milho branco, pipoca, banana da terra, feijão preto, rapadura, acarajé, entre outras), além das bebidas, guaraná e cerveja.

Outra colaboração vem de instituição do centro histórico que autoriza o empréstimo da aparelhagem de som de pequeno porte e algumas cadeiras plásticas para receber os convidados; uma loja de materiais de construção fornece galões de tinta para pintura da escola, e o restante das necessidades sai das economias que Mestre Curió faz quando viaja para ministrar cursos no Brasil e no exterior, e da colaboração de alunos que possuem uma condição financeira estável.

Fica faltando um registro fotográfico e filmográfico, meios para divulgação ampla, recursos para vestimenta das crianças que são alunos da periferia, como também o transporte para elas e seus familiares, porque é um dia especial, irão se apresentar publicamente e receber sua graduação e nome de capoeira, no caso dos mais novos.

Neste ano, em especial, foi a primeira vez que se recebeu ajuda no nível do governo federal pelo Ministério da Cultura, oportunidade criada por Mestre Curió que, em virtude de integrar uma comitiva do presidente da República, ministros e assessores para a cidade de Genebra, Suíça, iniciativa da *Organização das Nações Unidas (ONU)*<sup>31</sup> ao aceitar com honra o convite, pediu a duas alunas com habilidade na escrita que preparassem o projeto de infra-estrutura da escola, constando todas as necessidades e aspirações e uma carta para o presidente da República e o ministro da Cultura, apelando atenção especial aos velhos mestres de Capoeira Angola na Bahia, devido às precárias condições em que estes e suas escolas vêm funcionando ou melhor, resistindo ao tempo. Cartas dessa natureza já foram entregues por Curió a Edson Arantes do Nascimento, Pelé, quando Ministro dos Esportes, a governadores, prefeitos, políticos de diversas gestões na Bahia e nenhum sinal de apoio ou resposta recebeu. Mas é uma estratégia que sempre utiliza para chamar a atenção para os graves problemas enfrentados por esta capoeira.

É segunda-feira, primeiro dia da programação do evento, Mestre Curió e Mestra Jararaca começam a ministrar a Oficina de Capoeira Angola. Participam pessoas do nosso estado, de outros estados do Brasil, do exterior e alguns alunos da escola que dão assistência aosicineiros, para que acompanhem melhor a movimentação, a música; é uma forma de aprendizado para os que estão em formação sistemática na escola.

Antes do aprendizado técnico, ele destina tempo expressivo para falar sobre a filosofia, a ética e as bases técnicas desta arte. Esta curta experiência é parte de um longo processo, em que, "devagar para a Capoeira Angola, ainda é pressa...", e assim prossegue os trabalhos na terça e quarta-feira.

---

<sup>31</sup> Solenidade cívica promovida pela ONU, a brasileiros que trabalhavam em missão de paz e foram mortos por atentado terrorista no exterior, dentre os quais, o embaixador Sérgio Vieira de Melo.

Porém, na quinta-feira, o salão deve está impecável, a pintura da escola acabada, cadeiras e mesas arrumadas; nas paredes, atualizadas as fotografias, diplomas e certificados de honra aos méritos recebidos; a decoração com correntes feitas de cordas de sisal, lembrando a escravização e rompimento das correntes do povo africano, chapéus de palha, cestos, tipiti, artefatos das atividades de trabalho dos negros na Bahia; também o cuidado com plantas e flores para proteção e ornamentação do ambiente, a *Arruda*, a *Angélica*, a *Aroeira*, a *Vence Tudo*, as *Espadas de Ogum*, sempre presentes.

Devido à exigência de Mestre Curió, quanto à qualidade de tudo o que se propõe fazer, principalmente na formação do capoeirista, solicita que a escolha dos profissionais que vêm somar na discussão temática sejam gabaritados; assim, a mesa deste ano foi constituída pela antropóloga, pós-doutora e professora da UFBA, Maria de Lourdes Siqueira, coordenando os trabalhos, o Secretário Municipal da Reparação (SMUR), o senhor Gilmar Santiago, que enviou seu substituto, a representante regional da Fundação Cultural Palmares e filha-de-santo do Terreiro do Cobre, a Sra. Lindinalva Barbosa, o coordenador pedagógico do Bloco Afro Ilê Aiyê e Mestre em Letras, o Sr. Jônatas Conceição da Silva e o angoleiro, presidente da escola, o Sr. Jaime Martins dos Santos, Mestre Curió.



Figura 40. Mesa redonda do XVII Evento cujo tema *Capoeira Angola: elemento de educação e inclusão social rumo ao ensino formal*, em 26 de Janeiro de 2006. O tema foi debatido pela Dr<sup>a</sup> Ana Célia da Silva (UNEB), Dr<sup>o</sup> Wallace de Deus Barbosa (UFF), prof<sup>o</sup> Normando (SMEC), prof<sup>a</sup> Kelly (SEC), prof<sup>a</sup> Amélia Conrado (coordenando os trabalhos), Mestre Curió (Jaime Martins), Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Siqueira (UFBA), Dr. Augusto Leal (Diretor do Forte da Capoeira)

O salão já estava repleto. Capoeiristas representando diversas escolas e academias, amigos capoeiristas da nata, estudiosos, integrantes de outras instituições afro-baianas, crianças e adolescentes de projetos de capoeira, familiares, entre outros.

São convidados a sentar à mesa mais dois participantes que acompanham a trajetória de Mestre Curió e da sua consideração, o senhor Augusto Leal e Cleonel Pereira, o primeiro, ex-diretor adjunto do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e o segundo, diretor da Casa das Filarmônicas.

A riqueza das contribuições dos palestrantes, relatando, trocando experiências dos contextos diferentes em que se expressam as problemáticas da educação e cultura negra em Salvador, os avanços, os desafios das instituições responsáveis pelo olhar aos núcleos de herança africana que precisam de atenção especial para sua continuidade foram o foco principal da plenária e dos debatedores do tema; o resultado positivo é a certeza da força e capacidade de luta que permanecem vibrantes, merecendo a atenção dos que ali estavam, pois são os que vêm criando alternativas no dia-a-dia.

Encerrando essa etapa, foram entregues troféus, camiseta oficial do evento e certificados de participação aos palestrantes. Em seguida, servido um pequeno coquetel a todos os presentes, os cumprimentos e a satisfação pela troca e diálogo estabelecidos nesta passagem de tarde para noite. Foram quatro horas de sintonia, falas vibrantes e esperançosas.



Figura 41. Entrega de lembranças aos palestrantes. Na foto da esquerda para direita, o Dr. Augusto Leal (Diretor do Forte da Capoeira) e Antônio Cosme, representante da Secretaria Municipal da Reparação, Mestre Jararaca e Mestre Curió. Alguns alunos da ECAIG recebem uma lembrança como reconhecimento pelo empenho e dedicação à escola. Também visitantes de outras escolas e academias de capoeira são agraciados. Arquivo: Amélia Conrado

É sexta-feira; missa em homenagem à memória de Pastinha, aniversário da escola e de mestre Curió, a celebração acontece na Igreja de São Francisco no Pelourinho, anteriormente, era na do Rosário dos Pretos. Para essa atividade, as crianças e adolescentes que são alunos do Mestre Curió no Instituto Araketo, subúrbio ferroviário em Periperi, vêm de ônibus fretado e acompanhados por alguns familiares. Neste ano, não houve patrocinador; eventualmente, algum vereador prestava essa assistência, então foi contratado um carro particular com os poucos recursos da escola, o que inviabilizou conduzir a todos.

Para esta celebração, os alunos seguem para a igreja, fardados e em fila com os instrumentos da bateria; os cantos que entrelaçam a missa são entoados por Curió, “[...] Santa Maria a Mãe de Deus, entrei na Igreja e não me confessei, Santa Maria a mãe de Deus, entrei na Igreja e o padre era a lei...”, os padres celebrantes parabenizam a atitude de formação dessas crianças, adolescentes, jovens através da cultura da capoeira.

Acompanhando a celebração, estão os Mestres Angoleiros Zé do Lenço, Pelé da Bomba, Gildo Alfinete, Boca Rica, Augusto Januário, Olho de Galinha e Mestres Regionais, Neneu, Bamba, Cacá, entre outros.

Ao findar, a escola sai da igreja formando a roda em frente ao Cruzeiro de São Francisco; rapidamente, pessoas que estão a descer e subir o Pelourinho vão se aglomerando, aplaudindo, tirando fotos, filmando, tomando informações, e ali estão jogando, mestres com alunos iniciantes, mestres com mestres, meninas com meninos, tudo na ética, disciplina, beleza e malícia.

Nesta oportunidade, Curió ressalta que *Capoeira Angola* não é violência, é arte, dança, malícia, sagacidade, ética, teatro, filosofia... Percebidos no jogo de cada um que se abaixa ao pé do berimbau.

É sábado, dia do ritual mágico, do momento síntese, aglutinador dos elementos que constituem essa tradição. Somente se compreende a plenitude dele quando o mesmo acontece e que, segundo Curió, precisa existir para ensinar para as pessoas o que é a *Capoeira Angola*.

Uma mesa arrumada ao centro do salão, toalha rendada ou florida, jarro de flores, troféus, medalhas, certificados e as carteirinhas dos alunos, datilografadas e já com as graduações, que em momento especial serão entregues.



Figura 42. Ritual de oferenda do Caruru a São Cosme e São Damião. Ao centro, sete crianças que são servidas primeiro, em pé, mestre Curió, puxando os cantos acompanhados pela bateria. Arquivo: Amélia Conrado

O salão é dividido por uma cortina improvisada, para separar o espaço aonde as mulheres da família do mestre preparam próximo à pequena cozinha, o

Caruru de três mil quiabos para São Cosme e São Damião, obrigação por graças alcançadas.

Neste dia, a ordem é para que os alunos cheguem cedo a escola, porque, impreterivelmente, às 14:00 h, a cerimônia começa, com quem estiver! Isso ele avisa ao público nas diversas oportunidades de contato. É uma pessoa que não se atrasa para seus compromissos.

Caminhando rápido e passando minuto a minuto de um lado para outro, naquele salão, supervisiona tudo, passa carão, ou seja, repreende um, outro, o contramestre, o mestre que formou, pois estes devem ser exemplo para os menores em idade e no tempo na capoeira.

As camisas de solenidade são distribuídas entre os alunos, que ao final, devolvem para serem vestidas em cerimônias; é que foram confeccionadas com uma malha de melhor qualidade e acabamento.

O salão começa a ser ocupado pelos visitantes que passarão da tarde para a noite nesta atividade.

Os alunos da ECAIG esvaziam o ambiente; entrarão em fila, cantando e tocando o hino da escola e o hino nacional, crianças à frente levam as bandeiras do Brasil, da Bahia e da escola, um costume cívico que ele conserva, era obrigatório no Brasil em ocasiões de datas comemorativas.

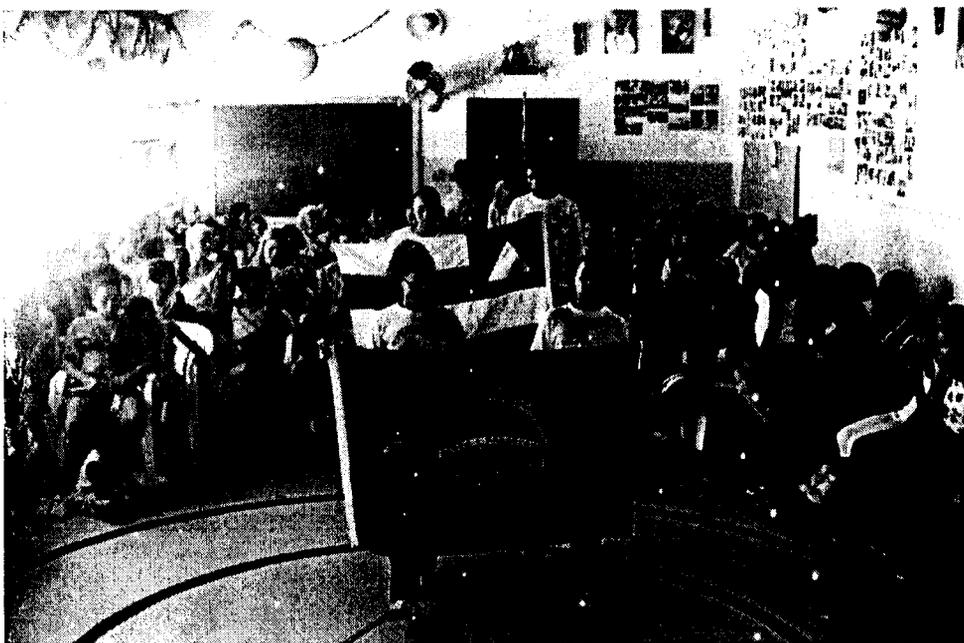


Figura 43. A abertura do evento acontece com a entrada das bandeiras do Brasil, do estado da Bahia e da escola de capoeira, trazidas pelas crianças, em seguida, a bateria, onde os de maior tempo de formação junto à escola, entram à frente e assim, sucessivamente. Arquivo: Amélia



Figura 44. Pela tradição da cultura da Capoeira Angola, mantida por Mestre Curió, em que a religiosidade é um fundamento, ele cumpre diversas oferendas para proteção.

Arquivo: Amélia Conrado

Após os hinos, uns acomodam-se no chão, outros na bateria e há aqueles que vão para a mesa dirigir os trabalhos junto ao mestre que, ao microfone, saúda todos os capoeiristas, familiares, representantes das diversas escolas, instituições políticas e culturais ali presentes; o seu discurso é o mesmo de todos os dias e de muitos anos, começa dizendo que ainda está aprendendo a *Capoeira Angola*, apesar de mais de 50 anos de vivência com esta.

Afirma que, infelizmente, a capoeira no Brasil inchou e não cresceu, pois a ganância levou a existir mais “mestres” do que alunos, porque a formação apressada e o desejo do título são maiores do que a dedicação à arte, ao aprendizado, e o resultado é a grande quantidade de alunos mal formados, deturpados, lesados. Conclui que prefere manter-se digno e morrer em dificuldades financeiras, a se vender, se corromper pelas ofertas desleais vindas daqueles que somente visam lucro aproveitando a fragilidade do outro...

Iniciam-se as apresentações artísticas de teatro, dança e *performance*, alguns de seus alunos são profissionais nestas áreas - uma oportunidade de enriquecer o evento, como mostrar o trabalho deles.

*África*, Evanir Tavares, é formada pela Escola de Teatro da UFBA, *Marcha Lenta*, Neuza, é professora de Educação Física pela UCSAL e estuda Dança do Ventre, *Zangado*, Ricardo Biriba, é artista plástico formado pela UFPE, coreógrafo e professor da Escola de Belas Artes da UFBA, esta que escreve, *Cabocla*, Amélia Conrado é formada em Educação Física pela UFPE, coreógrafa e pesquisadora de danças étnicas. Socorro Conrado, integra o quadro administrativo da ECAIG, é formada em Letras pela UFPE, professora de Inglês do UEC-BA e praticante de danças brasileiras e ioga.



Figura 45. Apresentação de frevo por Raissa Conrado, Biriba (lado esquerdo da foto) e Socorro Conrado (à direita) no XIII Evento da ECAIG em 2001. O frevo é uma dança que se originou do ritmo das orquestras e dos movimentos da capoeira. O estado de Pernambuco é forte nesta referência cultural.

Acontecem em seqüência as apresentações, a *performance* teatral sempre voltada para o tema do evento, o frevo que é originário também da capoeira, vão aquecendo o salão, a *dança da boneca de pano*, extrai risos e muita graça da platéia, a *dança do ventre*, chamando atenção para outras culturas tradicionais.

Muitas vezes, Mestre Curió e alguns alunos de menor idade fazem improvisações, porque gosta de atuar e tem muitas idéias para encenações, outras vezes, ele resgata e apresenta tradições dentro da cultura da capoeira angola. Na

seqüência, a entrega das carteiras é a identificação do aluno, constando sua graduação e nome recebido em cerimônia.

Neste momento, Curió descreve a personalidade ou história de cada aluno, principalmente daqueles que vêm de situação de vulnerabilidade social e com a capoeira, vem adquirindo outra postura na vida, ele se orgulha disso e para entregar a carteira, convida dentre os presentes, um mestre de renome que dá uma palavra de força e incentivo; é uma honra para quem vai receber, pois aquele mestre é uma referência, uma autoridade no mundo da capoeira.



Figura 46. Alunos da ECAIG trocando sua carteira, aonde vêm identificada a sua nova graduação, caso tenha avançado no processo de formação. É um momento para eles de honra ao receberem de mestres que dão mensagens de incentivo. Nessa ocasião, o aluno revela seu nome aos presentes, caso já possua, caso não, é a hora de receber pelo Mestre sua identidade como capoeira. Arquivo: Amélia Conrado



Figura 47 Uma participação importante é a da Capoeira Regional ao evento, em respeito e amizade, como todos os anos faz mestre Nenel, filho do ilustre mestre Bimba, junto ao Mestre Curió e o mesmo, procede assim, quando essa outra escola está realizando suas solenidades festivas. Arquivo: Amélia Conrado

Para os que ainda não têm nome<sup>32</sup> é chegada a hora em que o mestre confirma sua nova identidade, conforme o que observa de mais forte na pessoa, que pode vir do seu temperamento, seu comportamento enquanto capoeira, seus traços étnicos, entre outros atributos, e surgem: “Jararaca”, “África”, “Cabocla”, “Zangado”, “Saci”, “Marcha Lenta”, “Espanador da Lua”, “Perversa”, “Feiticeira”, “Cigana”, “Desengonçado”, “Espantada”, “Bezouro Preto”, “Garincha”, “Graussá”, “Gafanhoto”, “Boi Manso”, “Papa Capim”, e assim, sucessivamente, é um momento de graça na platéia, risos ao ver a reação de como, o “consagrado” recebe sua nova identidade.

A mesa é retirada do centro e as crianças menores são convidadas a compor a bateria mirim para cantar, tocar e junto às demais, jogarem. Estes dão um show de beleza, graciosidade, competência, disciplina, ética, cada um mostrando o que aprende.

<sup>32</sup> Receber o nome na Capoeira Angola é a revelação da sua identidade enquanto angoleiro.



Figura 48. Momento em que as crianças assumem a bateria e levam a roda de capoeira puxando ladainhas, corridos, fazendo as chamadas pelo berimbau, determinando o momento em que a dupla deve sair...Neste momento, os mestres jogam com as crianças. Arquivo: Amélia Conrado

Mestre Curió vai convidando um mestre para jogar com uma dessas crianças, depois, uma menina com um menino, um idoso com um jovem, para mostrar que a capoeira permite que qualquer idade, sexo, nível de aprendizado é possível de jogar um com o outro, quando esta é ensinada e apreendida dentro da sua filosofia e ética.

Nesse sentido, a *Capoeira Angola* é jogo de experiências e vivências práticas, quando orientada na ética e filosofia acontece o diálogo com as diferenças.

Vê-se, conforme a característica de cada capoeirista, uma diferença nos diálogos de jogo. Um momento sublime, o jogo de mestres, o objetivo é mostrar para os que ali estão, a malícia, a malandragem, a expressão corporal e técnica acumulada por esses senhores e uma única mestra, a Jararaca, mais jovem entre eles.

“Mestre Jogo de Dentro e Mestra Jararaca”, “Mestre Lua de Bobó e Mestre Zé Pretinho”, “Mestre Olho de Galinha e Mestre Pelé do Tunel”, “Mestre Curió e Demolidor” e outros exímios capoeiristas, é momento de emoção, suspense,

alto nível de jogo. Depois, a roda é aberta para que mestres, contramestres, "treineis"<sup>33</sup>, alunos e visitantes joguem uns com os outros.



Figura 49. Na ocasião dos eventos, se reúnem mestres para "brincarem", "vadiarem", uns com os outros. Na foto da esquerda para direita, Mestre Virgílio, Mestre Jogo de Dentro, Mestre Curió, Dr. Augusto Leal e Mestre Pelé da Bomba. Em janeiro de 2006.

As horas vão se passando, o salão superlotado, uma pausa e novamente Curió relata aos presentes a falta de incentivo do governo em todos aspectos e da sociedade em geral à Capoeira Angola, a ausência de memória cultural desse legado, embora a contribuição e enriquecimento que vem dando historicamente a Bahia, no turismo, na arte, no patrimônio, na educação, no social.

O cheiro do Caruru já está no ar, sete crianças são escolhidas para iniciar as oferendas e ritual, esteira no chão, bacia com o Caruru sobre a esteira; sentam-se ao redor e começam a comer com as mãos, é tradição. Mestre Curió já trajado de branco, modelo típico da capoeira de antigamente, bata e calça comprida de ração. Seu Martins Malvadeza, aos 105 anos de idade, trajado de paletó branco, chapéu na cabeça, sapato fechado, puxa os cantos junto ao filho Curió, um dos seus 50 filhos, "Eu vi São Cosme na beira d'água comendo arroz e bebendo água", "Vamos levantar o Cruzeiro de Jesus, no céu, no céu, no céu da Santa Cruz", o ritual prossegue completo, finalizada a "balbúrdia", o público pode ser servido.

A bateria entra com o *Samba de Barravento*, os mestre pulam para o centro, um por um mostra seu gingado; para sair, passa a dança para o outro, num

<sup>33</sup> Categoria do aluno que já pode ensinar. Acredito que o termo foi adaptado e vem da palavra *trainers*

movimento em direção ao Mestre João Pequeno que já está com seus 80 e poucos anos, aceita o desafio e dá um *show* de samba, a platéia aplaude, é um momento sublime, difícil de se ver, aí sim, encontra-se a nata da *Capoeira Angola* na Bahia.



Figura 50. Um encontro de muita emoção, os ex-alunos de Pastinha, João Pequeno e Curió, ambos continuadores através de suas escolas de Capoeira Angola, a formação das novas gerações, ao lado o mestre Zé Pretinho. Arquivo: Amélia Conrado

“Você quer vê essa roda ficar boa, você quer vê essa roda ficar boa, quem não canta bate palma para não ficar à toa...”. Os presentes acompanham os cantos, mantêm a energia vibrante em todo desenrolar da atividade, jogam capoeira, sambam, riem, aplaudem, choram..., os mestres são servidos do Caruru, acomodados em mesinhas no espaço da sala de visitas, em seguida, todas as pessoas, a festa parece não ter hora para acabar, até que se jogue capoeira e dance *samba duro*, *santamarense* e *barravento*, pode virar noite, a comida é farta.

A noite vai avançada, a derradeira tarefa, o mestre, sua família e um grupo de alunos vão para a rua com as panelas, distribuir caruru àqueles que passam, por fim, retornam para limpar o salão, lavar as panelas, organizar as cadeiras, fechar as janelas... Missão cumprida, os abraços calorosos entre alunos, visitantes, mestres, expressam a satisfação da brincadeira...

Dias depois, a escola se reúne para avaliar o processo e os resultados, ficando a expectativa para que no próximo ano, esta celebração aconteça em melhores condições.

No interior desses eventos está a importância da existência da *Capoeira Angola*, para sua dinâmica, continuidade e visibilidade. É um encontro esperado tanto pelos que produzem, como pelos que anualmente visitam. No plano político é a afirmação de uma capoeira de resistência, de descendentes afro-brasileiros em predominância, daquela que está embrenhada nas periferias, que reclama a atenção para uma arte e cultura que oferece benefícios à sociedade, ao nome de um lugar e suas tradições, ao turismo, entre outras coisas.

Daquela que conta a história de seus antecessores que criaram e desenvolveram esta arte, desta que entende por formação, algo de responsabilidade, onde o tempo, o exercício prático e a experiência são fundamentais para o domínio do conhecimento.

No plano educativo, leva ao público participante, grupos de capoeira, capoeiristas oriundos do exterior, de outros estados, familiares, professores, estudantes, uma mostra de determinado tipo de linguagem, comportamento, valor, respeito entre pessoas do grupo e de outros grupos ali presentes, na medida em que, independente de sexo, idade, tempo de capoeira, exibem o nível do seu aprendizado e a segurança, vêm da liderança e ética que mestre Curió ensina e exerce, afirmando que "ali quer vê capoeira e não violência" e caso alguém exceda ou coloque em risco a integridade do outro, ele pára a roda e avisa aos jogadores que prossigam dentro das normas ou se retirem.

Vê-se atualmente, rodas de capoeira ou processos de ensino desta que terminam com agressões físicas, inimizades, acidentes e isso desqualifica e prejudica sua imagem e de uma categoria profissional que luta pelo seu reconhecimento e respeito social, buscando abrir espaço em escolas da rede de ensino em diferentes níveis para somar a conteúdos voltados para uma educação que contemple diversidade e pluralidade cultural em nossa sociedade.

No plano social, o aluno mostra o seu valor, interage com diferentes pessoas, com personalidades do mundo da capoeira, atua para este acontecimento, dada às atribuições que lhes são conferidas, e isso ajuda no fortalecimento de sua auto-estima e legitimação da cultura de extratos populacionais marginalizados.

Nessa direção, o aprendizado da *Capoeira Angola* requer atenção a todas as informações percebidas, muitas vezes, pela observação aos mais velhos, também no tempo para se atingir amadurecimento dos diversos elementos que compõem a metodologia, em que, história, filosofia, expressão corporal, música, movimento, jogo, tática são apreendidos concomitantemente.

#### **3.2.1.4 A Escola de Mestre Lua de Bobó Vista numa Visita de Confraternização**

Quem pensar que o evento da ECAIG termina no sábado festivo engana-se. No domingo subsequente, na casa de mestre Curió, é feito um encontro para a roda no bairro onde ele reside, na rua atrás da sua casa. Depois, bate-se um *baba*; no linguajar baiano, jogo de futebol; e encerram-se as brincadeiras com um almoço oferecido para todos os participantes.

Para esta ocasião, arrecada-se algum dinheiro para as despesas do almoço e bebidas, porque são convidados mestres para tocar, cantar, jogar, levar seus alunos e juntos aos da ECAIG e familiares, se confraternizarem.

No ano de 2006, Mestre Lua de Bobó, Edvaldo Borges da Cruz, presidente e fundador do *Grupo de Capoeira Angola Menino de Arembepe*, trouxe seu pessoal, todos vestidos no padrão da escola; camisas azul-celeste, calça branca, sapato fechado, dentre seus alunos: norte-americanos, franceses, argentinos, paulistas e os de Arembepe, município em que situa sua escola. Para muitos, ir até o subúrbio de Salvador é uma aventura.

Brincamos com Curió, dizendo que, ele não mora, “viaja para casa” ou “se esconde” como uma cisma de capoeirista..., pois, é longe do centro da cidade.

A roda na rua começou às 11:00 h embaixo da sombra das jaqueiras e lá estão algumas visitas ilustres como, a professora Maria de Lourdes Siqueira da UFBA, palestrante do evento, o Augusto Januário, biólogo, o “Demolidor”, um dos mestres formados por Curió, é que até hoje, ele só formou três, sendo os demais, o “Gafanhoto” e a “Jararaca”, ou seja, Aurelino Silva Soares e Valdelice Santos de Jesus, esses três mestres, são exímios capoeiristas e possuem os requisitos que o título confere.



Figura 51. Mestre Curió reside em meio a essa reserva ecológica, coisa de capoeira!



Figura 52. Jogo de Capoeira Angola entre Mestra Jararaca e Ricardo, à sombra da jaqueira, numa rua atrás da casa de Mestre Curió, em janeiro de 2006. Arquivo: Amélia Conrado.

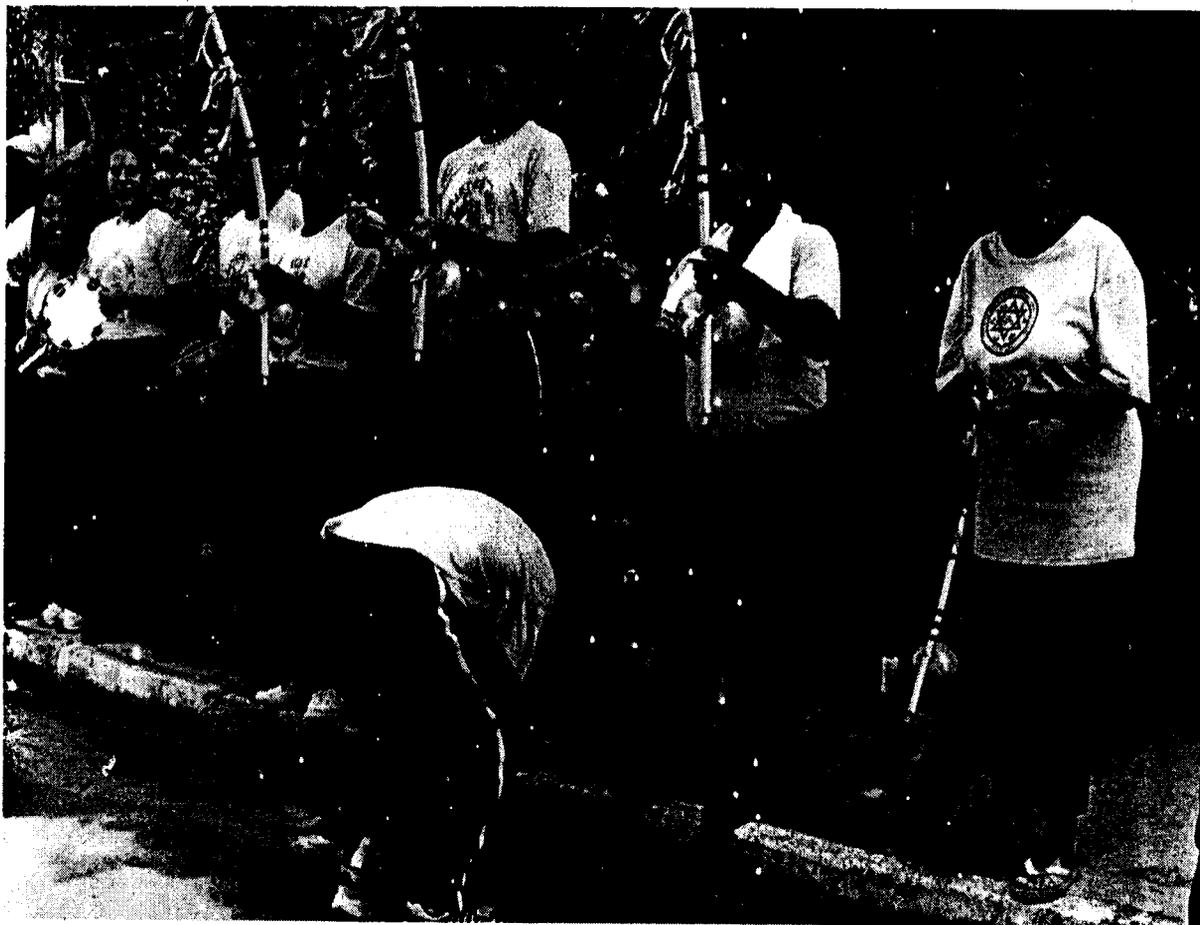


Figura 53. Momento em que o capoeirista pára, e ajeita seu calçado. Bateria de capoeira Angola e jogo. Presença da Profª Drª Maria de Lourdes Siqueira da UFBA. Janeiro 2006.

O sol do meio dia esquentou, transferiu-se a roda para o andar da casa, um salão ainda em construção, será outro núcleo da ECAIG, o de Castelo Branco, um desejo de Curió e do pessoal da redondeza, que o admira pelo trabalho e seu progresso.



Figura 54. Jogo de capoeira Angola no bairro de Castelo Branco, em que os alunos da ECAIG se apresentam e os moradores da vizinhança apreciam. Arquivo: Amélia Conrado

Mestre Lua de Bobó e seus alunos são apresentados, entre estes, sua filha e filho que também, são capoeiristas.

Entre Curió e Lua existe um respeito mútuo, admiração, cumplicidade, uma amizade de longas datas e o reconhecimento de um pelo outro, do trabalho de continuidade na formação de angoleiros. Isso é percebido pela alegria deste encontro para contarem sobre a capoeira do passado, as histórias em comum que servem de incentivo aos alunos da atualidade.

E a roda prossegue, vai mostrando a habilidade de cada um; vez ou outra um aluno desafina ou não acerta o toque de berimbau, pára-se para ensinar, depois, uma estrofe não bem respondida no samba santamarense, pára-se e ensina-se, pois, ali é uma escola...

Já pelas três da tarde, dona Joana, esposa de Curió, algumas irmãs e filhas, trazem à mesa, a dobradinha preparada por elas e pelo mestre, que é servida junto às cervejas e guaranás, e o clima, só alegria...

Assim como estas escolas, outras desenvolvem significativo trabalho com a *Capoeira Angola*, cito, as escolas fundadas e de responsabilidade de mestres como, o *Centro esportivo de capoeira Angola João Pequeno de Pastinha (CECA)* do

Mestre João Pequeno, situado no Forte de Santo Antônio Além do Carmo; o *Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GECAP)* do Mestre Moraes Trindade, também no Forte de Santo Antônio; a *Associação de Capoeira Angola 1º de Maio* de Mestre Virgílio no bairro Fazenda Grande do Retiro; a *Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA)* de Mestre Cobrinha e Mestre Valmir, entre outras, que seguem passos deixados por gerações anteriores de outros angoleiros.

As escolas citadas e outras que continuam as tradições dessa capoeira realizam seus eventos comemorativos e vêm abrindo debates, diálogos, produzindo materiais didáticos, discos, revistas, entre outros. Tais ocasiões são motivos para se confraternizarem e geralmente, oferecerem uma feijoada, um caruru, uma dobradinha, um xinxin de galinha, entre outras iguarias da culinária tradicional baiana, o que não pode faltar.

O que percebo na iniciativa de Mestre Curió e Mestre Lua de Bobó, é que, independente das dificuldades existentes para a produção destes encontros, está o valor da aproximação de dois grupos, duas escolas, que mesmo trabalhando em diferentes cidades, de linhagens de conhecimento vindas, uma de Mestre Bobó e a outra, de Mestre Pastinha, o que proporcionam é a união, a confirmação dos princípios e propósitos pelo que é revelado na postura dos alunos e mestres, no respeito às regras de um código de ética firmado nas gerações passadas e mantidas pelas atuais e um aspecto fundamental, uma escola de prazer, de alegria e conhecimentos compartilhados.

### **3.2.1.5 Jaracaca: Primeira Mestra Angoleira e a Questão da Mulher na Roda-Mundo da Capoeira**

Destacar a participação da mulher na roda-mundo da capoeira é levantar o debate sobre o tratamento desta categoria social, que continua ocultada e sem o devido reconhecimento da sua atuação histórica.

Pelas crescentes mudanças na sociedade moderna, a posição de desigualdade que nos encontramos, são acentuadas principalmente no campo profissional, contudo, estamos atingindo pouco a pouco, empoderamento de voz e de lugar pela busca e reivindicações de nossos direitos.

Em diversos países do mundo, as mobilizações são para transformar mentalidade e práticas de discriminação que sofremos, no Brasil, que:

devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente. (LOURO, 1997, p. 50)

Os contextos, as necessidades, os interesses, as condições socioeconômicas das diversas mulheres levam à formação de diferentes frentes de lutas.

Essas lutas não são recentes, para situar alguns marcos, relembro o motivo da instituição do dia 8 de março como *Dia Internacional da Mulher*, pelo documento do Conselho Estadual da Condição Feminina em São Paulo (1996), citado por Trindade (2002, p.144):

Em 8 de março de 1857 a cidade de Nova York é palco da primeira greve de mulheres operárias de que se tem conhecimento. Cento e vinte e nove tecelãs pararam seu trabalho exigindo redução da jornada de trabalho e salários maiores. O movimento terminou em tragédia. A polícia cercou o prédio e, de acordo com os proprietários, incendiou-o para obrigá-las a sair. Mais de cinquenta anos depois, de 26 a 27 de agosto de 1910, realizou-se em Copenhague a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, que antecedeu a abertura do Congresso Internacional Socialistas. Na ocasião, Clara Zetkin, jornalista alemã, dirigente do jornal *Die Gleichheit*, apresentou e conseguiu aprovar uma resolução propondo que as mulheres socialistas de todos os países dedicassem o dia 8 de março em homenagem às operárias nova-iorquinas, à luta pelo direito do voto feminino. A partir daí, a celebração foi ampliada à luta pelos direitos em geral, alcançando dimensão internacional, embora haja quem questione a escolha da data como homenagem às operárias americanas.

Como todo movimento social organizado, o feminista vem construindo sua trajetória, a literatura sobre o assunto, diz que o marco é o século XIX, no ocidente com a busca do direito ao voto, ao estudo, a profissionalização. As principais bandeiras do século XX, por volta dos anos 60, foram a elaboração das bases teóricas, oriundas de várias áreas de conhecimento, analisando as condições socioeconômicas, jurídicas, psicológicas, entre outras, para identificar as desigualdades que enfrentamos socialmente. Surgem campos para “estudos da mulher”, “estudos feministas”, “estudos sobre gênero”, significando avanços.

Segundo Louro (1997), na ciência, as mulheres saem das notas de rodapé para os temas centrais.

Em *Mulheres no Brasil colonial*, Del Priore, (2000), invoca os historiadores para necessidade e importância de realizar estudos sobre a mulher na sociedade brasileira, comenta que o sociólogo Gilberto Freire, em *Casa grande e senzala*, despertou discussões referentes a práticas em torno da vida privada e familiar das mulheres, do legado patriarcal da família brasileira, de particularidades sobre as diferenças e envolvimento destas nas relações sociais.

Dentre as diversas mulheres no Brasil colonial, diz a referida autora, estão as portuguesas de origem modesta que vivia de costuras, comércios, da fiação de sedas, produção de pães, onde o casamento era um mecanismo para ascensão social, as africanas que executaram todo tipo de trabalho, parteiras, cozinheiras, arrumadeiras, responsáveis pela criação dos filhos dos senhores e os seus, atividades no comércio através de seus tabuleiros, nesse ambiente, agiam pela libertação do seu povo, levando recados aos quilombolas, informações sobre movimento das tropas e tornaram-se alvos de preocupações para autoridades que viam na sua presença pública uma ameaça, a ação das indígenas inaugurando núcleos de povoamento, entre outras.

Também, comenta que a religião judaico-cristã controlou por leis e dogmas, comportamentos, instituindo condições para casamentos e outros laços. A consolidação de colégios jesuítas, por volta de 1930, permitiu acesso primeiro aos homens, as escolas eram separadas de mulheres e de homens, posteriormente, surgiram escolas mistas, as práticas higiênicas trataram de transmitir valores do que era permitido ou não na postura e na sua educação.

Superando as marcas de um tempo-histórico, existem aspectos que estão contribuindo para conquista de melhor lugar social, dentre vários, um exemplo das mulheres na prática da capoeira significando uma abertura de espaços que eram de domínio dos homens, porém, esta referência é relativa, muda conforme as realidades. A análise feita, aqui, parte do que presencio no cotidiano da escola que estou ligada e do contexto da minha cidade.

Pela própria cultura da capoeira, os homens são maioria e geralmente, permanecem por períodos mais longos que nós mulheres no processo de formação.

No artigo, *Capoeira Angola, luta de mulheres*, Rodrigues (2005, p.8-9), afirma:

[...] no universo capoeirista, a prática do machismo é tão intensa como na Grande Roda do mundo, a sociedade em que vivemos. Dentro dos grupos e academias cabem aos homens os postos de comando e decisão, eles têm primazia em muitos aprendizados e os modelos de força e excelência seguem padrões masculinos de agressão e violência. O legado de enfrentamento político de Mestre Pastinha nos coloca obrigatoriamente na contramão dessa tradição

A presença das mulheres neste universo vêm acontecendo por conquista o que, em tempos atrás, estavam próximas atuando onde existia capoeira, de uma forma ou de outra, rompendo barreiras, contudo, a ausência de uma memória cultural, percebida, tanto na literatura, quanto no discurso transmitido no dia-a-dia a respeito desta participação em importantes movimentos sociais como a capoeira, contribuem à exacerbação da violência com relação a estas, além das relações em nossa sociedade permeadas por discriminação, preconceito, autoritarismo que dificultam a visibilidade da história construída por nós mulheres.

Sabe-se através de relatos de mestres, sobre acontecimentos no início do século XX, que existia mulheres capoeiras, valentonas, também aquelas que amarravam suas saias entre as pernas e entravam numa roda para jogar:

[...] sendo elas capoeiras ou não, o que as fontes indicam é que essas mulheres disputavam seus espaços sociais a golpes de navalhas, cacetadas e pontapés contra quem lhes representasse uma ameaça. Eram essas as "mulheres de pá virada" que viviam no universo masculinizado das ruas de Salvador, território dos capoeiras (OLIVEIRA, 2005, p. 75).

Estudos aprofundados estão se realizando em nossa cidade buscando revelar a veracidade de fatos e histórias que estão no imaginário coletivo de personagens da cultura baiana, Abreu (2005, p. 33), comenta uma investigação em processo, sobre a guerreira negra Maria Felipa de Oliveira, da ilha de Itaparica que lutou junto aos homens pela Independência da Bahia e era exímia capoeirista.

Alguns registros dessa presença, pinço de obras de mestres da capoeira na Bahia, como, os manuscritos de Pastinha afirmando que,

[...] está gravado na História da Capoeira as mulheres que jogavam a mandinga e batucavam, bem como cito Maria homem, Julia, vulgo Fugareira e muitas outras que deixo os meus camaradas contarem (DECÂNIO, 1997, p. 27).